

Da exterioridade estruturalista do signo aos conceitos do círculo de Bakhtin e Gunther Kress



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Vânia Soares Barbosa (UFPI)

- Vicente de Lima-Neto (UFERSA)

SOBRE OS AUTORES

- Primeiro Autor

Conceitualização, ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados e na revisão do artigo.

- Segundo Autor

Conceitualização, ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados, redação e revisão do artigo.

- Terceiro Autor

conceitualização, ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados e na revisão do artigo.

DATAS

- Recebido: 06/02/2025

- Aceito: 29/06/2025

- Publicado: 06/07/2025

COMO CITAR

Santos, Zaira Bomfante; Paiva, Francis Arthuso; Gualberto, Clarice Lage. (2025). Da exterioridade estruturalista do signo aos conceitos do círculo de Bakhtin e Gunther Kress. *Revista da Abralín*, v. 24, n. 1, p. 1-23, 2025.

Zaira Bomfante dos SANTOS

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Francis Athuso PAIVA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Clarice Lage GUALBERTO

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos lançar o olhar sobre a noção de signo dentro de algumas perspectivas linguísticas. Considerando que há uma robusta cartografia de fundamentos epistemológicos que tratam da significação, do sentido e por consequência o signo, enveredamos em algumas direções para tentar compreender como esse conceito e, consequentemente, a noção de língua são tratados em algumas perspectivas teóricas. No primeiro momento, trazemos uma reflexão sobre como conceito de signo pelo prisma do paradigma estruturalista, ancorando-nos nas ideias contidas em Saussure (2006) quando aborda aspectos como arbitrariedade, linearidade, mutabilidade e imutabilidade do signo. Em um segundo momento, discutimos como essa noção é abordada pelo Círculo de Bakhtin (Volóchivov, 2017), situando o rompimento com as orientações filosóficas do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, trazendo, assim, a noção de signo para dentro da cena enunciativa, como produto da interação de indivíduos socialmente organizados, que emerge em contexto concreto e ideológico. Por fim, discutimos como as contribuições do Círculo de Bakhtin ressoam na Semiótica Social, proposta por Hodge e Kress (1988) e Kress (2010) ao tratar a noção de signo como motivado, não arbitrário e

que se desdobra na materialização em outros modos semióticos e abre caminho para se pensar em uma síntese de perspectiva ontológica de produção de sentido. O mapeamento da abordagem do conceito de signo dentro dessas perspectivas linguísticas ressalta a importância de como esse conceito tem sido debatido e, hoje, em tempos pós-modernos, marcado por redes sociais, big techs como o fazer signo vai sendo vislumbrado.

RESUMO EM OUTRA LÍNGUA

In this paper, we intend to look at the notion of sign from a number of linguistic perspectives. Considering that there is a robust cartography of epistemological foundations that deal with meaning, sense and, consequently, the sign, we take a few steps to try to understand how this concept and, consequently, the notion of language are treated in some theoretical perspectives. First, we reflect on the concept of sign from the perspective of the structuralist paradigm, grounding on the ideas contained in Saussure (2006) when he addresses aspects such as arbitrariness, linearity, mutability and immutability of the sign. Secondly, we discuss how this notion is approached by the Bakhtin circle (Volóchivov, 2017), situating the break with the philosophical orientations of the idealist subjectivist and abstract objectivist, thus bringing the notion of sign into the enunciative scene, as a product of the interaction of socially organized individuals that emerges in a concrete and ideological context. Finally, we discuss how the contributions of the Bakhtin circle resonate in Social Semiotics, proposed by Hodge and Kress (1988) Kress (2010) when treating the notion of sign as motivated, non-arbitrary and that unfolds in materialization in other semiotic modes and opens the way to think about a synthesis of ontological perspective of meaning production. The mapping of the approach to the concept of sign within these linguistic perspectives highlights the importance of how this concept has been debated and, today, in postmodern times, marked by social networks and big techs, how sign making is being glimpsed.

PALAVRAS-CHAVE

Signo Linguístico. Perspectivas Linguísticas. Semiótica Social.

KEYWORDS

Linguistic sign. Linguistic perspectives. Social Semiotic.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este artigo apresenta três modos como humanos dão sentidos aos textos. O primeiro deles considera que uma língua possui regras e estruturas que as pessoas conhecem e utilizam para retirar o sentido de um texto. Nesse modo, o sentido está no texto e precisa ser decodificado. O segundo modo considera que o sentido não está no texto, porque as pessoas precisam usar outros significados que elas já possuem para compreender o novo texto que elas estão lendo. Nesse segundo modo, os sentidos são construídos não apenas com o conhecimento sobre a língua, mas também com interação entre as pessoas. O terceiro modo procura relacionar o primeiro e o segundo modos, por isso considera tanto a estrutura quanto o sentido construído, mas considera também outras linguagens como imagens, gestos, cores entre outras, além do texto escrito e falado ou mesmo a combinação de todos eles como em páginas da internet. Este artigo conclui que o terceiro modo objetiva não apenas explicar como as pessoas dão sentido aos textos, mas também observar como essa ação humana influencia no modo como as pessoas agem no mundo por meio da linguagem, considerando também quem, fazendo uso da linguagem, exerce mais poder sobre o outro.

Na verdade, a questão de significação coloca-se para linguística como o canto das sereias para Ulisses: enquanto focamos “infinitude discreta” do significante podemos, amarrados ao mastro, evitar o risco da dissolução das fronteiras disciplinares. O trato da significação nos leva de encontro à antropologia, à psicanálise, à filosofia, aos estudos literários – toda esta “matéria escura” de que nos circunscrevíamos, quando demarcávamos laboriosamente “o objeto” (Marcuschi & Salomão, 2011).

Demarcando o objeto

O texto em epígrafe aponta para uma questão complexa que é a significação para os estudos da linguagem, sendo considerada por muitos pesquisadores um dos temas mais difíceis da área. Várias são as perspectivas, frutos da ebulição teórica, que tratam da significação, do sentido e por consequência do signo. Há uma robusta cartografia de fundamentos epistemológicos dos diversos rumos ao longo do último século. Nessa robustez cartográfica, enveredamos em várias direções e delimitamos um dos ‘cantos da sereia’ que ousamos, timidamente, discutir neste trabalho: a visão/noção de signo. Como

premissa, temos consciência de que a visão de signo é indissociável da concepção de língua que se adota, o que incide diretamente sobre o locus de enunciação.

Adicionalmente, deparamo-nos, com recorrência, em nossa trajetória acadêmica, com postulações sobre signo que, em grande medida, rompem com ideias anteriores, (re)formulam novas perspectivas e incorporam aspectos de perspectivas já-ditas. Por isso, ousar tecer essa discussão, entrelaçá-la sem perder as pontas dos fios, ou perdê-las e encontrar muito tempo depois, após um exercício de cruzamento de ideias, levou-nos a delimitar um conjunto de pensadores que discorreram sobre a natureza, a forma, a função e a constituição do signo. Em decorrência desse recorte, consideramos os trabalhos de Saussure, Círculo de Bakhtin, Kress e seus coautores, porque temos como hipótese que a concepção de signo da Semiótica Social de Hodge e Kress (1988), Kress (2010) realiza uma síntese entre a proposta estruturalista de Saussure (2006 [1916]) e o método sociológico de Volóchinov (2017 [1929]), em direção a uma ontologia da produção do signo como ação na formação do ser social.

Nesse horizonte, além destas considerações iniciais, o presente trabalho propõe uma reflexão atinente à noção de signo dentro do paradigma estruturalista, representado por Saussure; em seguida traz a perspectiva do Círculo de Bakhtin, pontuando rupturas com perspectivas formuladas e, por último, situa as contribuições de Kress a partir das premissas da Semiótica Social para tecermos nossa hipótese.

1. A noção de signo no paradigma estruturalista

A teoria do signo de Ferdinand Saussure é encontrada na obra intitulada Curso de Linguística Geral (*Cours de linguistique générale*), publicada em 1916. A obra expressa as ideias do autor a partir de registros, notas de aulas de alguns de seus alunos durante ano letivo na Universidade de Genebra. O pensamento dualista do Iluminismo europeu está presente na obra, reforçado pelas distinções de Saussure, que tendem a considerar a sociedade e a cognição como as únicas áreas que permitem a pesquisa objetiva, focalizando, por um lado, o indivíduo em isolamento cognitivo ou em comunidade idealizada de falas e, por outro lado, deixando de reconhecer a cultura como um sistema de significação primária pelo qual produzimos sentido no mundo.

Na obra Curso de Linguística Geral, Saussure (2006) coloca em perspectiva a noção de língua como um fato social ou “um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (p.22). Para o autor a língua é “parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem a criar, nem a modificar; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre membros da comunidade” (Saussure, 2006, p. 22). Nesses parâmetros, Saussure coloca a língua como um sistema abstrato, normativo e de caráter estável em relação ao caráter mutável. Ao situar o caráter social da linguagem o autor destaca que é necessário um coletivo – uma massa falante – e seu uso se dá sempre por uma iniciativa individual. O uso da língua por uma massa falante, nos termos do autor, só tem efeitos pela existência de um sistema estável que o usuário compartilha com outros membros da comunidade linguística de que faz parte. Esse sistema

semiótico (a langue) equivale à noção de competência linguística do falante, cujas regras e convenções servem de base para a formação de signos e enunciados.

Ao demarcar essa visão, Saussure situa que a língua é distinta da fala; um objeto concreto que pode se estudar separadamente, pois é de natureza homogênea e constitui-se em um “sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde, as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. Nesse sentido, Saussure dá prioridade lógica às relações que se estabelecem no interior do sistema a partir da noção de valor. Pode-se dizer que Saussure descobriu na língua uma construção legitimamente estrutural, “uma construção onde o sistema, em termos lógicos, é mais fundamental que os próprios objetos” (ILARI, 2011, p.63). Ao situar a língua como um sistema de signos, tanto na primeira parte quanto na segunda parte da obra *Curso de Linguística Geral*, são reservados capítulos para situar a perspectiva do signo dentro do paradigma estruturalista saussuriano. Como linguista que era, Saussure faz um escrutínio do código verbal, sem ampliar sua pesquisa para outras linguagens.

Nos moldes do pensador suíço, o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. O termo “imagem acústica” não designa o som material, mas a impressão psíquica desse som. Para ele, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, conforme ilustrou a seguir na Figura 1.

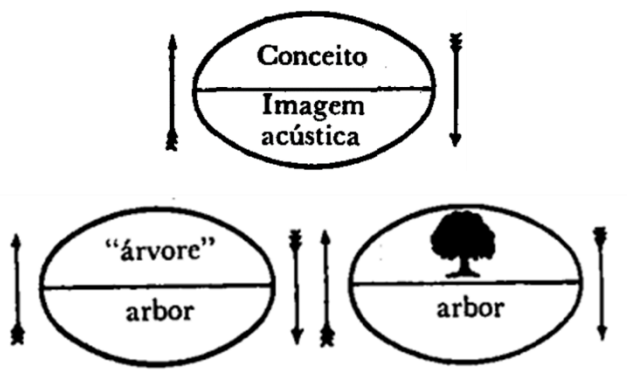


FIGURA 1 – Representação da constituição do signo linguístico para Saussure

Fonte: Saussure (2006, p.81)

Conforme ilustra a Figura 1, as duas faces que constituem o signo estão intimamente unidas. É a combinação do conceito e da imagem acústica. Na perspectiva do autor, se chamamos a palavra latina *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore” e a ideia da parte sensorial implica a totalidade do signo. Para dirimir ambiguidades que os termos “imagem acústica” e “conceito” podem trazer, o autor substitui o termo respectivamente por significado e significante e assinala que eles têm a vantagem de marcar oposição/diferenciação entre si ou entre o total de que fazem partes. Ao tratar do signo linguístico nesses parâmetros, Saussure elenca dois princípios primordiais, a saber: arbitrariedade e linearidade do signo.

Os signos são inteiramente arbitrários; é o único laço que une significado e significante. A arbitrariedade é um princípio que marca toda a visão de signo no paradigma estruturalista de Saussure. Para ele, esse princípio “não é contestado por ninguém” e “ele domina toda linguística da língua” (Saussure, 2006, p.82). A acepção de arbitrário projeta a ideia, dentro da teoria, de que o significado não depende da livre escolha de quem fala; não está ao alcance do indivíduo alterar nada de um signo a partir do momento que está assentado em um grupo linguístico. Em suma, para Saussure, o significante é imotivado, noutros termos, arbitrário em relação ao significado, com o qual há nenhum laço natural na realidade.

É importante ressaltar que a discussão sobre a arbitrariedade dos signos já vem desde os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, que fizeram referência aos signos a partir da dualidade convencionais versus naturais (não convencionais). De acordo com Coseriu (1991), Saussure nunca advogou a criação do princípio; mas, equivocadamente, muitos estudiosos atribuíram a ele a paternidade deste conceito tão fundamental aos debates que envolvem pesquisas da área de Linguística.

No que se refere à linearidade, o caráter linear do significante é algo imanente. O significante, de natureza auditiva, emerge no tempo e transporta as características dessa temporalidade: (i) possui uma extensão; (ii) essa extensão se insere numa dimensão linear, ou seja, é uma linha. Para Saussure, esse princípio, por ser demasiadamente simples, é muitas vezes ignorado, mas é extremamente fundamental e com desdobramentos incalculáveis. Para ele, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo e se apresentam um após o outro, formando uma cadeia. Esse princípio é nítido quando representado na escrita na linha espacial dos signos gráficos e influenciou o pensamento estruturalista de Saussure, sobretudo quando ele propõe o conceito de eixo sintagmático.

Além desses princípios, Saussure insistiu em quatro fatores cruciais inerentes à função do signo que marcam sua imutabilidade, conforme situa a Figura 2.

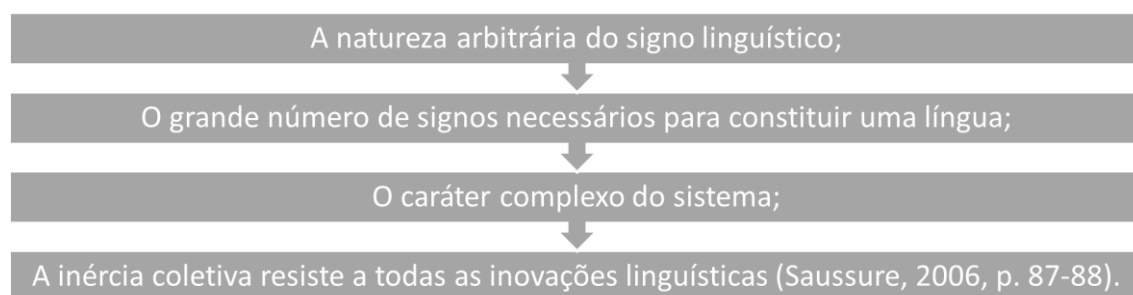


FIGURA 2 – Fatores que evidenciam a imutabilidade do signo

Fonte: elaborado pelos autores

Além de elencar fatores que delimitam a imutabilidade do signo, o pesquisador suíço também apontou a possibilidade do contrário, ou seja, da mutabilidade do signo. Para ele uma língua como sistema é incapaz de se defender de fatores que deslocam a relação de significado e significante. Nesses parâmetros, a língua evolui, a evolução é um traço fatal a que ninguém resiste, o que implica

‘deslocamentos possíveis’. Contudo, apesar dessa evolução, um falante na sua individualidade não pode alterar nada, não há essa liberdade justamente devido aos desdobramentos do princípio da arbitrariedade. Um elemento importante nesse processo é a continuidade do signo no tempo. Na perspectiva saussuriana, o tempo permite a atuação das forças sociais sobre a língua. Esse princípio implica necessariamente alteração, mas anula a liberdade individual. Como conclusão, há mudança na língua como um todo durante o tempo, mas sem a percepção de uma mudança por decorrência de um indivíduo.

A Figura 3 sintetiza a constituição e alguns princípios do signo, na perspectiva saussuriana.



FIGURA 3 – Princípios do signo linguístico

Fonte: elaborado pelos autores

Ao colocar o signo dentro de princípios de mutabilidade e imutabilidade, Saussure coloca-os numa relação de valor dentro do sistema da língua, a maneira como a língua coloca o signo em contraste com todos os demais. Sendo assim, justamente pelo consenso no uso, a coletividade é necessária para estabelecer os valores, visto que o indivíduo é incapaz de fixá-los. Falar em valor linguístico pelo olhar saussuriano, segundo Ilari (2011, p.63), “é, antes de mais nada, ressaltar a natureza opositiva do signo”; a maneira como a língua coloca esse signo em contraste com todos os demais. Sob essa perspectiva, o valor em Saussure refere-se ao lugar do elemento sêmico no sistema, na estrutura. Um elemento é o que o outro não é, portanto, a lógica aplicada é de diferenciação, pois um elemento possui determinado valor em comparação com o outro que está próximo dele. Saussure situa dois fatores para a existência de um valor que são constituídos: (i) por uma coisa dessemelhante; (ii) por coisas semelhantes. Nesse horizonte, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante, por exemplo, uma ideia, uma outra palavra. Seu valor não estará fixado até limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito. No que se refere aos valores semelhantes, o conteúdo só é determinado pelo concurso do que existe fora da palavra. Na busca de exemplificar, com vistas a revelar essa noção, Saussure (2006) situa que

[...] O português carneiro ou o francês mouton podem ter a mesma significação que o inglês sheep, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz mutton e não sheep. A diferença de valor entre sheep e mouton

ou carneiro se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (p. 134).

Considerando a língua um sistema e todos os termos são solidários uns aos outros, o valor seria o resultado da presença simultânea de outros. Ao traçar uma perspectiva centrada na noção de valor, Saussure enfatizou o fato de que a relação significante/significado sempre deve ser considerada à luz do sistema linguístico em que o signo se insere, e não das situações práticas em que a língua intervém ou das realidades extralinguísticas de que permite falar. Em suma, são nesses moldes que o signo é concebido na visão saussuriana dentro do sistema da língua.

Portanto, nessa perspectiva de Saussure, os sistemas de significação têm valor em si mesmos, pela própria organização interna, independentemente do leitor. Assim, os signos só têm condição de existência em um sistema, e esse sistema constitui um construto semiótico autônomo que é posto em uso nos momentos concretos da comunicação.

2. O signo linguístico pelo olhar do Círculo de Bakhtin

Sem a pretensão da exaustividade, trazemos nesta seção algumas contribuições do rico e complexo trabalho do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem, mais detidamente, sobre noção de signo. A filosofia da linguagem de Bakhtin (2003a, 2003b) e Volóchinov (2017 [1929]) inaugura um novo paradigma para os estudos da linguagem rompendo com as orientações filosóficas do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato. Adicionalmente, esse rompimento acena para uma nova concepção de língua que é indissociável da concepção de signo e por adição, sujeito, contexto, discurso, texto e gênero.

O conceito de língua demarcado na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Volóchinov, 2017) busca compreender sua realidade fundamental, para ser entendida como viva, pois ela é “um processo ininterrupto de formação de normas linguísticas”, em vez de um “sistema imóvel de normas idênticas entre si” (p.174) – noutras palavras, língua não é um sistema de formas prontas como no objetivismo abstrato de Saussure. Nesse horizonte abstrato, o sistema linguístico é apenas o produto de uma reflexão sobre a língua em vez de a língua viva dos enunciados. Por outro lado, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, cada enunciado é único, porque se situa em uma enunciação tal-qualmente única, dado o seu invólucro ideológico. Nas palavras de Bakhtin (2003a), uma “oração, no fluxo ilimitado da fala pode repetir-se um número ilimitado de vezes em forma absolutamente idêntica, mas como enunciado nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado” (p. 313)

A concepção de língua nesses termos traz implicações para se pensar a noção de signo. Ao submeter uma análise crítica e profunda sobre as orientações filosóficas que refuta, Volóchinov (2017) assinala que, para o falante, o que importa não é o caráter idêntico das formas linguísticas como um sistema fechado, pois o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, porque o que é relevante para o falante é a forma linguística em uso, em um dado

contexto de enunciação, pois é essa ação do falante que torna a forma (o sinal material) em um signo linguístico.

O signo linguístico transcende a ideia de forma linguística, sendo compreendido doravante como um produto da cultura, dita imaterial, que possui significado em uma situação concreta. Nessa esteira, o signo é ideológico. Para Volóchinov (2017), o “campo ideológico coincide com o campo dos signos”, onde há um signo, há também ideologia. “Tudo o que é ideológico possui significação sgnica” (p. 93). Desse modo, a concepção de signo ideológico do Círculo de Bakhtin, que amalgama tanto o signo linguístico quanto a consciência, busca superar dicotomias do conceito de signo atribuídas por outros pesquisadores. Assim explica Grillo (2017) a síntese dialética operada pelo Círculo:

Os conceitos de signo ideológico e de enunciado como objetos do método sociológico buscam superar a divisão entre o interior e o exterior, entre o individual e o social, entre atividade consciente e seus produtos externos, pois os signos participam tanto do contínuo processo histórico de criação ideológica, quanto materializam os produtos da atividade consciente individual e coletiva (p. 58-59).

Essa concepção de signo é fruto da filiação marxista do Círculo de Bakhtin, que não se furta de pensar o signo de forma monista, sem os dualismos do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, além de dar valor às relações materiais, como explica o próprio Volóchinov (2017)

A filosofia idealista da cultura e os estudos culturais de cunho psicológico situam a ideologia na consciência. Segundo eles, a ideologia é um fato da consciência. O corpo exterior do signo é apenas um envoltório, apenas um meio técnico para a realização do efeito interno que é a compreensão. O que o idealismo e o psicologismo ignoram é que a própria compreensão pode ser realizada apenas em algum material sgnico. Eles desconsideram que um signo se opõe a outro signo e que a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas se for encarnada em um material sgnico. (p. 94-95)

Ao situar o signo como ideológico, que possui valor semiótico num contexto concreto e materializado, Volóchinov (2017) faz uma distinção clara entre signo linguístico e sinal. Para ele, o sinal é “um objeto internamente imóvel e unitário que, na verdade, não substitui, reflete ou refrata nada, mas é simplesmente um meio técnico dos instrumentos de produção no sentido amplo, através do qual se aponta para algum objeto” (p.178). Ele não pertence ao domínio da ideologia, pode apenas ser identificado. No entanto, o signo linguístico é sempre variável e flexível e desempenha um papel num dado contexto. Assim, uma forma linguística em um dado contexto torna-se um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. O processo de produção de sentido não está atrelado ao reconhecimento da forma linguística utilizada, mas na sua compreensão “em dado contexto e em dada situação, orientação dentro do processo de constituição e não orientação dentro de uma existência imóvel” (p.179). A Figura 4 sintetiza essas postulações.

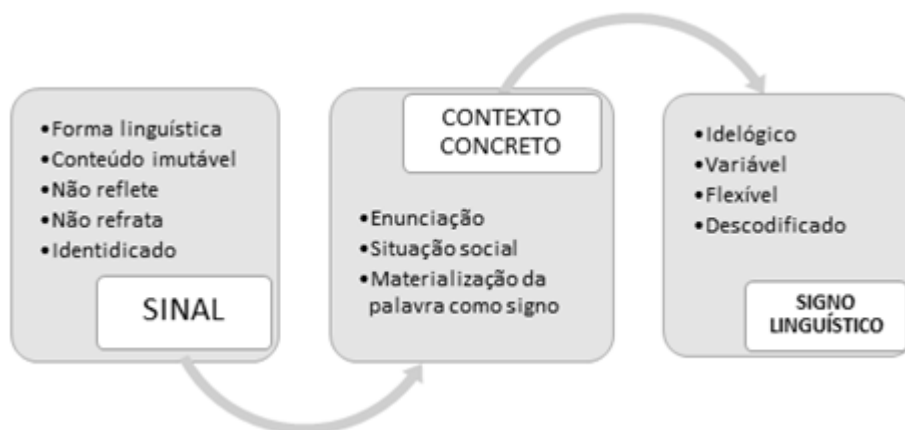


FIGURA 4 – Noção de signo para o Círculo de Bakhtin

Fonte: elaborado pelos autores

A rigor, na visão do Círculo, a prática viva da língua nada tem a ver com o sistema abstrato de formas normativas, mas a linguagem em uso em um conjunto de contextos possíveis. O signo linguístico está sempre inserido em um contexto ideológico preciso. Nas palavras do autor:

[...] Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano. (Volóchinov, 2017, p. 181)

Ao situar a noção de signo como flexível, variável, carregado de conteúdo ideológico e mobilizado pelo sujeito em um contexto concreto, os autores do Círculo rompem com a ideia de forma fixa, arbitrária do signo. Essa é uma valiosa contribuição, porque a noção arbitrária do signo tida como uma indicação de um poder social forte que possibilita atar qualquer forma a qualquer significado e a convenção como uma força social que atua para manter os signos estáveis retira do indivíduo qualquer possibilidade de mudança nos signos ou na relação destes com o sistema de signo.

Ao situar o signo linguístico em um contexto concreto e ideológico, o Círculo de Bakhtin chama a atenção para a importância da enunciação – como o produto da interação de indivíduos socialmente organizados. Nesse sentido, o enunciado é um fenômeno social em vez de individual como defende Saussure. Para Volóchinov, a palavra e o signo linguístico dirigem-se a um interlocutor situado; não existe interlocutor abstrato. Nesses termos, a palavra *interação* norteará a noção de língua e, consequentemente de signo. A orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande, porque, na concepção do Círculo de Bakhtin, a palavra é o território comum entre locutor e interlocutor, substituindo uma visão de sujeito passivo, por uma de sujeito que tece sua vida por meio expressões semióticas – por meio da(s) linguagem(ns) e com responsividade ativa. Essa atitude responsiva do sujeito é indissociável dos conceitos de enunciado e enunciação nas formas como tratamos acima, ou seja, como conceitos que se distanciam da visão de língua (*langue*) de Saussure como sistema/gramática/estrutura fixa. Pelo contrário, o enunciado é condicionado pela organização social e

pelas condições de interação dos sujeitos. Assim, todo enunciado é uma resposta a outro em um contínuo dialogismo. Noutros termos, para haver atitude responsiva, o enunciado não pode ser

compreendido no sentido de língua (*langue*, sistema saussuriano). Uma oração absolutamente acabada, se é oração e não enunciado constituído, não pode suscitar atitude responsiva: isso (a oração) é compreensível mas ainda não é tudo. Esse tudo – indicio de inteireza do enunciado – não se presta a uma definição nem gramática nem abstrato-semântica. (Bakhtin, 2003b, p. 280) (Parágrafos nossos)

Partindo do princípio de que a nossa existência se insere em contextos sociais, nenhum homem social está fora das relações de linguagem e viver é expressar o mundo por meio de linguagens, signos e significações. Assim, os signos, segundo Faraco (2009), emergem e significam no interior das relações sociais, de forma que não podem ser concebidos como um simples resultado de processos fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado, tampouco de um sujeito auto-objetivado por sua própria criação, isto é, um sujeito a serviço de um sistema/gramática/estrutura. Portanto, atitude responsiva e enunciado/enunciação são o sangue e a carne do processo dialógico de produção de signos para o Círculo de Bakhtin, pois corporificam a linguagem no momento em que dispensam a reprodutibilidade como princípio da linguística. Se para Saussure o valor do elemento signico está na sua relação de oposição/diferenciação com outros elementos, o que pode ser observado graças à reprodutibilidade desses elementos em diferentes ocorrências em uma língua, para Bakhtin (2003b), no entanto, “as unidades da comunicação discursiva – enunciados totais – são irreprodutíveis e são ligadas entre si por relações dialógicas” (p. 335). Portanto, para Bakhtin (2003b), o valor não está nas oposições/diferenciações dos elementos linguísticos em um sistema fixo e abstrato, mas, sim, nas relações dialógicas entre os enunciados, que requerem “uma compreensão responsiva que inclui em si o juízo de valor” (p. 332).

Dessa forma, o dialogismo bakhtiniano não é isento de axiologia, não é neutro. Nesse sentido, diferentemente da semiótica saussuriana que isola o signo do fenômeno social da enunciação (*parole*), porque acredita que assim elimina o que não é compreensível na língua como sistema/estrutura (*langue*) para estudá-la, o Círculo de Bakhtin, por sua vez, considera as atitudes do dialogismo tais como a disputa de valores, a negociação de sentido, a criação de discursos e a resolução de diferenças como compreensíveis, sim, além de serem o objeto de estudo da sua filosofia da linguagem e semiótica.

Nesse ínterim, viver é compreendido como o ato de pronunciar ou expressar o mundo por meio de linguagens, signos em um permanente diálogo entremeado por disputas, negociações e criação. Por isso, nesse permanente diálogo, a agência do sujeito ocupa um espaço elementar, pois ele participa integralmente e no decorrer de toda a sua vida por meio dos seus olhos, lábios, mãos, alma espírito, segundo Faraco (2009), com seu corpo todo e com todos os seus efeitos. O sujeito investe seu ser inteiro no discurso que penetra no tecido dialógico da vida humana. Nesses moldes, Bakhtin e o Círculo assinalam para a complexidade do signo que pode ser produzido por vários modos e meios para expressar a posição social do sujeito em um contexto concreto dentro da cultura. Com isso, o Círculo fecundou um campo de estudos semióticos e, conseqüentemente dos signos, orientado para a formação social. Uma dessas correntes de estudo é a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988), sobre a qual nos debruçaremos na próxima seção.

3. A produção social do signo para Kress e coautores

Gunther Kress possui vasta obra dedicada à Semiótica e à Educação, no entanto, em razão dos nossos objetivos, elegemos como seu ponto de partida a sua obra seminal, em coautoria com Bob Hodge, sobre Semiótica Social, (Hodge; Kress, 1988), cuja concepção de produção de signo como premissa do processo de produção de sentido alicerçou sua obra de chegada: a Semiótica Social Multimodal (Kress, 2010), em que ele contribui para ampliar o processo de produção do signo para outros modos semióticos além do verbal, bem como trilha possibilidades e alternativas à visão monolítica de sistema semiótico, propondo o processo de design, que vamos discutir mais ao final.

Inicialmente a Semiótica Social é proposta por Hodge e Kress (1988) com evidente influência pós-estruturalista, uma vez que eles concebem a produção de sentido como uma relação de dualidade em que a estrutura social age sobre os sujeitos, sim, no entanto, ela sofre transformações decorrentes do agenciamento desses próprios sujeitos. Como explica Giddens (1989), essa recursividade pós-estruturalista entre ação e estrutura, em que os agentes são hábeis transformadores, supera a dualidade estruturalista entre indivíduo e sociedade, cuja concepção de sujeito é daquele que transita absorto pelas estruturas sociais sendo refém delas.

Muito pelo contrário, para a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988), a estrutura da linguagem como um conjunto de regras e recursos só é instanciada na ação humana. Portanto, não há sistema semiótico fora da ação social. Ao partirem dessa concepção, Hodge e Kress (1988) fazem uma revisão da semiótica saussuriana, mantendo parte de sua estrutura, mas alterando o polo da arbitrariedade entre significante e significado, em direção à determinação social do signo. É nesse ponto que Hodge e Kress (1988) são influenciados por Marxismo e Filosofia da Linguagem (Volóchinov, 2017), ao acreditarem que as propostas do Círculo servem “de base para uma semiótica social essencialmente sólida” (p.19).

Entretanto, Hodge e Kress (1988) consideram que Volóchinov “deixou de explorar o nexo do relacionamento entre papéis de fala e relacionamento social em uma sociedade de classes, além de focar nos enunciados face a face” (p. 19). Ou seja, em uma complexa sociedade com relações de luta e conflito entre classes sociais em assimetrias de poder, como os sentidos são negociados, transformados, “re-fratados” para usar um termo do Círculo de Bakhtin?

Faraco (2009) também considera que Volóchinov não aprofundou nessa questão, provavelmente pelo fato da filiação marxista ortodoxa do local e da época em que escrevia. De um lado, os autores do Círculo de Bakhtin precisavam fechar questão com o marxismo soviético, que acreditava na superação da luta de classes, sem a qual não haveria mais a necessidade de negociar sentidos, uma vez que não haveria conflitos. De outro lado, eles sabiam que o dialogismo como princípio da linguagem não se encerraria mesmo após a superação do capitalismo pelo proletariado. Preso a esse dilema, “em nenhum momento, Volóchinov teoriza sobre como seria discursivamente uma sociedade sem classes” (Faraco, 2009, p. 71).

Por sua vez, Hodge e Kress (1988), fiéis à concepção de sociedade cindida por conflitos de classes, consideram que há um sistema social mais amplo que se sobrepõe à estrutura semiótica. Esse sistema social é o complexo ideológico:

um conjunto funcionalmente relacionado de versões contraditórias do mundo, imposto coercitivamente por um grupo social a outro em nome dos seus próprios interesses distintivos ou subversivamente oferecido por outro grupo social em tentativas de resistência em seus próprios interesses (Hodge; Kress, 1988, p. 3).

As contradições a que eles se referem dizem respeito a relações de poder (ordem e subordinação dos grupos) e de solidariedade (coesão e antagonismo dos grupos) que coexistem nesses complexos ideológicos. Isso porque Hodge e Kress (1988) defendem que os grupos dominantes em uma sociedade capitalista administram graus de poder e solidariedade para manterem o controle sobre os grupos dominados. Ou seja, o grupo dominante cede aos interesses do grupo dominado, criando laços de solidariedade, porém, até o nível em que aquele não perde o poder sobre este. Com esses laços de solidariedade, o grupo dominado torna-se mais dócil ao controle, “sem solidariedade, o poder se tornar impotente” (Hodge; Kress, 1988, p. 58).

O complexo ideológico se realiza semioticamente por meio do que Hodge e Kress (1988) chamam de sistema logonômico:

conjunto de regras que prescrevem as condições de produção e recepção de sentido; que especifica quem pode reivindicar o início (produzir, comunicar) ou entender (receber, compreender) os sentidos sobre quais tópicos, sob quais circunstâncias e com quais modalidades (como, quando, por que) (p. 4).

Esse sistema logonômico (logos como pensamento, discurso + nomos como mecanismo de controle) restringe o comportamento social através de suas regras, que derivam de ideias do grupo dominante. No entanto, ele pode ser subvertido pelos grupos dominados, que podem atacar sua estrutura, enfraquecendo-a ou invertendo-a, refletindo as complexas contradições e os conflitos de uma sociedade.

A representação dos sistemas logonômicos em signos ocorre no discurso, que é o “lugar onde a forma de organização social se conecta ao sistema de signos na produção de textos” (Hodge; Kress, 1988, p. 3), no discurso, reproduzem-se ou mudam-se os valores e os sentidos de uma cultura. Portanto, o signo em Hodge e Kress (1988) é condicionado tanto pela interação dos sujeitos na ação social, quanto pelos complexos ideológicos com seus sistemas logonômicos.

A depender da dosagem entre poder e solidariedade criada no sistema logonômico, haverá signos mais transparentes e signos mais opacos. Trata-se de categorias em escala que Hodge e Kress (1988) propõem, em vez das categorias de signo arbitrário e motivado, muito ligadas à concepção por dicotomias de Saussure. Nesse entendimento, o signo transparente “indica um significante cuja conexão com o significado pode ser vista mais facilmente pelo sujeito, seja produtor ou leitor”. Por sua vez, “o signo opaco é aquele que pode ser transparente para o produtor, mas não para o leitor e vice-versa” (p.22). Assim, se pode dizer que quanto mais transparente for o signo, mais potencial de significado ele

possui, mais solidariedade há no sistema e mais possibilidade de sua subversão pelo sujeito em situação de controle pelo grupo dominante.

É nesse momento que Hodge e Kress (1988) retomam a dicotomia saussuriana entre os eixos sintagmáticos e paradigmáticos, ampliando o escopo desses conceitos. Nessa proposta, o signo é organizado em combinações com outros, em uma estrutura sintagmática relativa ao tempo e ao espaço, em interação com a estrutura paradigmática, que se refere a um sistema de classificação e escolhas de signos que vão compor o sintagma. Essas escolhas possuem muita influência do que Hodge e Kress (1988) chamam de domínio, no qual os participantes se encontram e são restringidos por ele. O conhecimento sobre o domínio em que se encontra pode fazer com que uma pessoa considere pertinente escolher introduzir uma piada em um sintagma social formal, no intuito de transformar uma situação inicial de conflito em harmonia. A piada, nesse contexto, foi uma escolha paradigmática, introduzida no tempo e no espaço, ou seja, no eixo sintagmático: funcionou naquele local e naquele momento, enfim, formou-se um signo transparente.

Essas escolhas não estão isentas da relação entre poder e solidariedade. Continuando nosso exemplo, é possível que a inserção da piada não tivesse êxito se ela fosse contada por alguém com menos poder dentro do domínio, pelo empregado ao seu chefe no expediente de trabalho por exemplo. A não ser que haja laços de solidariedade estabelecido entre eles que permitam isso, talvez motivados pela intenção do chefe de que seus empregados trabalhem mais e melhor se estiverem dentro de um domínio descontraído. É possível também que o empregado estivesse buscando a ruptura com seu empregador, em uma relação de antagonismo, com motivação e interesse em ser despedido. Nesse sentido, ele subverte regras, escolhendo a construção de um signo mais opaco ao empregador para aquele tempo e espaço sintagmático.

Esses domínios se sedimentam em meio aos complexos ideológicos de que fazem parte, tornando as interações sociais mais previsíveis, uma vez alcançada a medida entre solidariedade e poder que as deixam assim. É nessa perspectiva que Hodge e Kress (1988) apresentam o conceito de metassignos como um fenômeno que dá sustentação aos sistemas logonômicos. Metassignos são marcadores de grupo que definem rótulos para seus membros, a fim de criar identidade e coesão entre eles e diferenciação relativa a membros de outros grupos. Eles são usados para monitorar a relação entre os participantes. Para Hodge e Kress (1988), estilo, acento e palavras gramaticais são exemplos de metassignos, pois funcionam como uma espécie de redundância para marcar os membros de um grupo e diferenciá-los de outros. Eles são “marcadores de fidelidade social (solidariedade, identidade de grupo e sua ideologia) que permeiam a maioria dos textos” (p.82). Para os autores, “o motor da mudança semiótica é o desejo de expressar diferença” (Hodge; Kress, 1988, p. 90).

Nessa perspectiva de diferenciação, Hodge e Kress (1988) dão especial atenção ao metassigno do gênero (masculino e feminino) que sustenta vários sistemas logonômicos. É um metassigno sobre o qual aprendemos muito cedo, mas é marcado por instabilidade e contradições. Nesse entendimento, escolhas de cores, vestimentas, modos de se expressar, a moda fashion, profissões e até mesmo categorias mais amplas como classe social são marcadas pelo gênero. Dessa forma, transformar ou reproduzir signos marcadores de gênero implica em exercer poder e solidariedade dentro de um sistema

logonômico com seus signos mais transparentes ou mais opacos. Hodge e Kress (1988) exemplificam marcadores do gênero feminino como o uso da cor vermelha atribuída às mulheres ser mais um desejo do homem do que uma escolha delas, ao passo que os homens usarem azul seja uma tentativa solidária deles de opacar esse desejo por elas vestidas de vermelho. Ou seja, um sistema logonômico que cons-trange o gênero oposto. Em sentido contrário, as feministas subvertem esses marcadores como forma de antagonizar a solidariedade do sistema, buscando ruptura com o poder dominante. Na mesma proporção, é o que o gênero neutro na língua busca atualmente: ser uma antilíngua de desconexão com a solidariedade opaca, para transparentar a desordem do poder marcada pelo metassigno de gênero nos discursos.

Diante do exposto, a Figura 5 sintetiza os princípios da estrutura Semiótica Social.

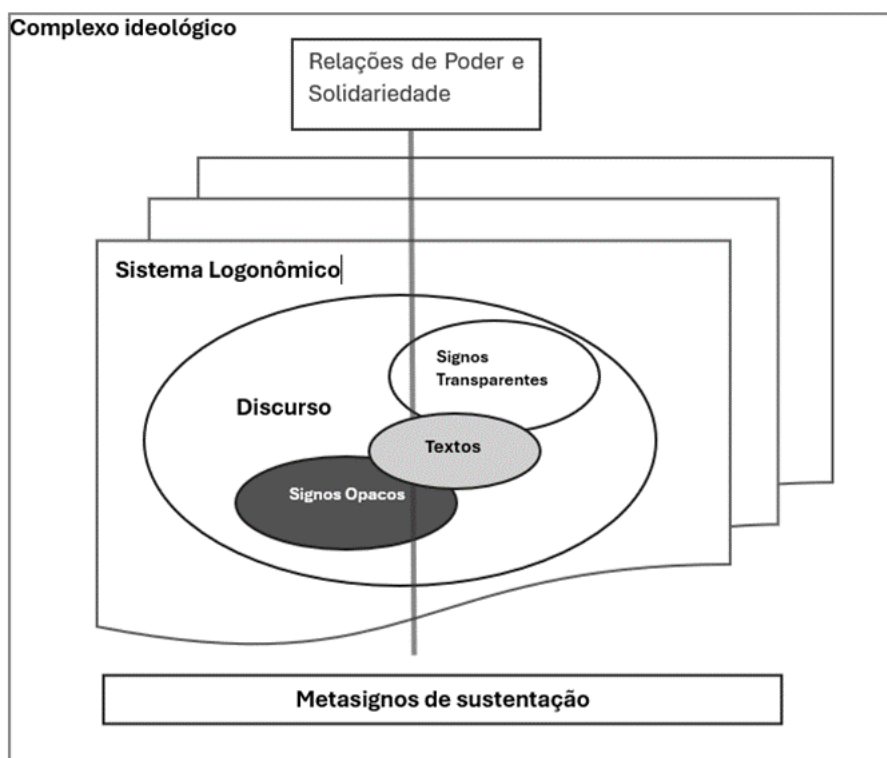


FIGURA 5 – Princípios da estrutura Semiótica Social

Fonte: elaborado pelos autores

Da parceria com Theo van Leeuwen, surgiu o trabalho conhecido como Gramática do Design Visual, Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), em que as proposições da Semiótica Social são desenvolvidas em direção à análise do signo não linguístico. Não se trata de transposição do arcabouço teórico de Hodge e Kress (1988) para o signo imagético, mas da tentativa de propor a análise de leitura de imagens na perspectiva da multimodalidade, entendida como a integração de modos semióticos de representação tais como o verbal e o imagético dentro da cultura. Para isso, alguns princípios da semiótica social são reforçados e ampliados como a concepção de criação de signos – *sign-making* –. Partindo desse

pressuposto, Kress e van Leeuwen (2006) explicam que eles focam “no processo de produção do signo, em que o significante (a forma) e o significado (o sentido) são relativamente independentes um do outro até eles serem reunidos por um produtor de signo em uma nova produção signica” (p. 08). Portanto o termo produtor de signo – *sign-maker* – passa a ser usado doravante em toda a obra de Kress, em vez do termo participante semiótico, utilizado por Hodge e Kress (1988) que, embora não utilizassem o termo multimodalidade ainda, já direcionavam para a observância de signos espaço-temporais não linguísticos, haja vista eles utilizarem os eixos sintagmáticos e paradigmáticos de Saussure, no modo como explicado acima, para análise de imagens e eventos de conversação.

Tal mudança representa uma nova direção na Semiótica Social, porque reforça ainda mais seu distanciamento das semióticas fundadas na concepção de sistema semiótico. Kress se distancia do trabalho epistemológico pós-estruturalistas como os de Hodge e Kress (1988) e Kress e van Leeuwen (2006), rumo a uma perspectiva ontológica da produção de sentido. Outra produção de que ele foi signatário marca essa mudança. Trata-se de sua participação no grupo de Nova Londres (Cazden *et al.*, 2021 [1996]), cujo manifesto sinalizou a opção pelas concepções teóricas pós-modernas, haja vista a necessidade do grupo em propor um projeto de educação voltado para o novo mundo pluriétnico e transcultural que se formava naquela década de abertura democrática em diversas regiões do globo.

Em vez da criação de uma grande teoria com se fazia no pós-estruturalismo, o pensamento pós-moderno fragmenta os estudos sociais, a arte e a educação, em busca de particularizar seus objetos de estudo em excesso e o primeiro passo para isso é negar a universalidade objetivada em conhecimento como se fazia antes. Para Lévy (2000), a pós-modernidade, na legítima ansiedade em se livrar do totalitarismo, confundiu o universal com a totalização e jogou fora a bacia que é o universal junto com a água suja que é a totalidade. O que é o universal? “É a presença (virtual) da humanidade em si mesma. Quanto à totalidade, podemos defini-la como a conjunção estabilizada do sentido de uma pluralidade” (Lévy, 2000, p. 121). Como conceber uma única universalidade em um mundo que busca a particularidade de cada cultura e a identificação (identidade) como um processo e não como uma pré-determinação imposta pela totalização estabilizadora dos regimes totalitários é a pergunta problema do grupo de Nova Londres (Cazden *et al.*, 2021).

Nessa perspectiva, surge na obra de Kress o conceito nuclear para a sua Semiótica Social Multimodal. É o conceito de *design* como substituto para o conceito de sistema semiótico tão caro a outras teorias semióticas. Para Kress (2010), a noção de *design* abarca todo o trabalho de significação, de construção de signos na comunicação diária, portanto, valoriza o momento, a ação social na construção semiótica do mundo. Kress (2010) opõe a noção de *design* à noção de competência (*langue*, sistema semiótico), uma vez que esta implica em inatismo, em arcabouço imutável que a pessoa lança mão na ação social, “orientada para trás, em um poder superior (da pessoa), já o *design* é prospectivo, procurando avançar. O *design* concentra-se nos meus interesses agora em relação aos prováveis efeitos futuros” (p. 06), interessa a produção do signo pelo produtor corporificado e situado socio historicamente, em vez do signo objetivado para ser usado alhures pelo sujeito alheio.

Esse produtor do signo é tanto moldado pela cultura bem como o seu mais atuante transformador, por isso ele conhece a relação de aptidão do signo, isto é, sabe avaliar se “a forma do significante é apta

para expressar o significado” (Kress, 2010, p. 55), capaz de avaliar o texto produzido como apto para o que ele deseja empreender. Kress e van Leeuwen (2001) concebem o termo proveniência dos signos como o parâmetro que os produtores possuem, dentro de uma cultura, para buscar referências sobre a origem e a recepção de signos entre seus pares. Portanto, o processo de *design* concentra-se no trabalho semiótico de transformação de recursos semióticos em signos, buscando o potencial de significado de cada um deles.

Na concepção do *design*, o foco é como os signos são produzidos utilizando os modos semióticos, que são construções modeladas e remodeladas socialmente pelos produtores de signos, de acordo com as necessidades do seu tempo e com os recursos disponíveis. Ou seja, necessita de trabalho semiótico crítico. Entretanto, com a consolidação do neoliberalismo, que elegeu “o subjetivismo de mercado, isto é, de consumidor com profundas diferenças de considerações sociais, conceituais e éticas daquelas requeridas de um cidadão ou trabalhador” (Kress, 2010, p. 20), os laços de solidariedade dos sistemas logonômicos da pós-modernidade passaram a ser tecidos sob a lógica de nichos de mercado. Isso quer dizer que o produtor de signo crítico passou a ser tratado pelo poder dominante neoliberal como cliente que tudo pode e que sempre tem razão. Portanto, o neoliberalismo, entendido como o capitalismo elevado à última grandeza (capitalismo tardio) aprimorou a capacidade capitalista de se apropriar das culturas, sejam culturas consolidadas ou de suas transformações, para gerar lucro (Duarte, 2011).

Exemplo disso é a cultura do remix, entendida por Navas (2008) como a atividade de criar e trocar informações criativas nas redes sociais, com destaque para a despreocupação de seus autores com a originalidade e autoria, pois suas ações consistem no copiar e colar. É o que acontece com a produção e compartilhamento de memes na internet. Trata-se de uma das fragmentações culturais surgida orgânica e legitimamente na pós-modernidade, no entanto, não passou ao largo da apropriação neoliberal. Como demonstrado em Paiva e Neto (2024), graças ao advento da internet e das redes sociais, o poder dominante representado pelas empresas de redes sociais - *big techs* - utiliza justamente a capacidade de criação, reprodução, corte-cola, compartilhamento e viralização da cultura do remix para movimentar o seu negócio de produção de conteúdo nas redes. Os usuários, produtores de signos, por sua vez, participam do negócio das *big techs* considerando-se produtores *remix* fortemente imbuídos de ideal revolucionário e subversivo, ao passo que em grande medida estão colaborando para a reprodução do poder, tudo aparentando legalidade, mas que não passa de um laço de solidariedade, uma ação opaca de ceder um mínimo de autonomia para que o poder dominante continue no controle.

Essas são contradições do complexo ideológico formado pelas grandes empresas de tecnologia e redes sociais, que estabelecem sistemas logonômicos para a sua utilização. Para analisar a produção e a reprodução de sentidos da pós-modernidade, Kress (2010) refina seu instrumental de análise da concepção de *design*, destacando sua capacidade de projeção. Assim, o sentido é construído por processos semióticos em que os signos são traduzidos de um texto para o outro, seja por transdução ou transformação. O primeiro se refere ao “processo de projetar/arrastar o sentido de um modo semiótico para outro”; já transformação, “não envolve mudança de modo” (Kress, 2010, p. 124). Esses processos destacam que, mesmo nas atuais reproduções, nos remixes e nas traduções de textos em outros,

termos que podem sugerir a cópia de signos, o trabalho semiótico do produtor de signos é empregado, novos signos são criados.

Portanto, a luta, a negociação e a disputa por hegemonia continuam presentes nos complexos ideológicos da pós-modernidade, como nas redes sociais das *big techs*. Por isso há espaço para que os grupos dominados sejam subversivos contra o poder dominante ao burlarem filtros e algoritmos, criarem seus próprios canais, migrarem de redes, viralizarem conteúdo rotulado por exemplo. Ao passo que as *big techs* reagem com profilagem, uso de inteligência artificial, favoritismo de grupos ideológicos e de mercado, incluindo a produção desses grupos em favor do poder dominante como na criação de *fake* e *deep news*. Esses processos precisam ser analisados do ponto de vista do *design*, porque os signos e textos produzidos nesses complexos ideológicos são “conjuntos multimodais orquestrados” (Kress, 2010, p. 122), logo, sendo arranjos de diferentes modos semióticos, não deveriam ser analisados cada qual pelo seu sistema semiótico em separado. Nas palavras de Kress (2010), o *design* multimodal

refere-se ao uso de diferentes modos – imagem, escrita, cor, layout – para apresentar, realizar, às vezes (re)contextualizar posições e relações sociais, assim como o conhecimento, em arranjos específicos, para um público específico. Em todos as direções possíveis, o *design* realiza e projeta a organização social (p. 139).

Malgrado o controle das classes do poder dominante tratar o produtor de signo como cliente que não precisa se dar ao trabalho semiótico de produzir textos, existe uma brecha utópica pela qual esse produtor transforma os signos, os modos, os textos, a estrutura social e a si mesmo. Por isso, a Semiótica Social, além de se demonstrar como uma abordagem para a análise de signos e textos, ao fim e ao cabo, pode tornar-se uma abordagem para compreender o próprio sujeito produtor, isto é, uma ontologia do signo, sobre como sua produção age na formação do ser social, que agencia seu *design*, faz escolhas e projeta ambientes de linguagem que moldam o seu ser.

5. Algumas palavras de síntese

Se para Saussure o signo une um conceito a uma imagem acústica, em relações internas, motivadas por um sistema de língua abstrato, normativo, embora compartilhado pelas pessoas, sobre o qual, porém, elas não têm poder de agência, para o Círculo de Bakhtin, o signo é a própria consciência materializada, um fenômeno social, uma vez que é parte de uma língua viva que cria formas linguísticas em uso, em cada nova enunciação, cujos enunciados são respostas a outros já-ditos, sendo ele mesmo um enunciado que aguarda uma resposta futura, portanto, em constante e infindo dialogismo.

Por seu turno, a Semiótica Social de Kress parte da tese de Saussure acerca da existência de uma estrutura para o signo, mas que é estanciada na ação social. Ao mesmo tempo, a Semiótica Social se apropria da concepção de formação ideológica do signo vinda do Círculo de Bakhtin, mas considerando as contradições dos complexos ideológicos subjacentes à estrutura social capitalista. Portanto, a síntese estabelecida pela Semiótica Social de Hodge e Kress (1988) entre a estrutura saussuriana, cujo

signo é um produto, e o método sociológico bakhtiniano, cujo signo é um processo infindo de significação, é o signo como produção.

O *sign-making* kressiano não se encerra em uma estrutura imutável, nem mesmo simplesmente persiste em diálogo ininterruptamente, ele se transforma a cada novo *design*. Ele não nega que haja uma estrutura, tampouco nega o dialogismo constituinte da linguagem, mas considera que a estrutura pode ser moldada pela agência dos produtores de signos a cada *design* em curso e propõe instrumentos para analisar tanto o modo como o poder dominante age para opacar a natureza inédita de cada enunciado, quanto para analisar o modo como a classe sob domínio pode transparecer a negociação, a luta e a transformação dos signos a cada enunciação.

Por fim, ao ampliar o escopo para os modos semióticos não linguísticos, a Semiótica Social Multimodal de Kress (2010) oferece uma lente multidimensional para o *design*. Com isso, a relação sintagma/paradigma saussuriana não é mais apenas uma linearidade bidimensional como no linguístico. Assim como a atitude responsiva bakhtiniana dos enunciados pode ocorrer não apenas pelo verbal, mas também em conjuntos multimodais de que faz parte o próprio produtor de signos, corporificado no ambiente.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2298.R>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Vânia Soares Barbosa

Afiliação: Universidade Federal do Piauí

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5816-1064>

Avaliador 2: Vicente de Lima-Neto

Afiliação: Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5068-666X>

AVALIADOR 1

Prezados editores e autores,

O artigo avaliado trata-se de um Ensaio Teórico que discorre sobre a hipótese de como a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988) e Kress (2010) traz em si uma “síntese entre a proposta estruturalista de Saussure (2006 [1916]) e o método sociológico de Volóchinov (2017 [1929])[Círculo de Bakhtin]”, na concepção de signo e de como este se faz “como ação na formação do ser social”, como bem explicitado no título.

Ainda que os autores afirmem a não prestação da exaustividade, o percurso apresentado no resumo é desenvolvido ao longo do texto por meio de reflexões que destacam aspectos das três veias teóricas que, por sua vez, ora se aproximam, ora se distanciam, mas que, de alguma forma, não deixam de se tocar, como, por exemplo, o social que constitui e se constitui no signo. A esse respeito, destaco a afirmação dos autores de que “viver é compreendido como o ato de pronunciar ou expressar o mundo por meio de linguagens, signos em um permanente diálogo entremeado por disputas, negociações e criação”, por entender que, se em Saussure esse viver parece inerte na arbitrariedade do signo, no Círculo essa inércia começa a se desfazer, dando lugar, na perspectiva kressiana, a um processo que a todo momento cria e recria esse signo, colocando seu produtor como um designer de sua própria existência, sendo “tanto moldado pela cultura bem como o seu mais atuante transformador”, especialmente em tempos de avanços consideráveis nas tecnologias digitais. A complexidade desse percurso pode representar um desafio pelo qual parebenizo os autores pela competência teórica que se manifesta no tom autoral da proposta, o que não surpreende tendo em vista a considerável produção acadêmica dos mesmos.

Tal desafio, por si só, certamente é um dos pontos fortes do trabalho. As comparações e os exemplos apresentados elucidam concepções de cada corrente teórica e, para além disso, trazem, de certa forma, um aspecto inovador ao colocar o Círculo de Bakhtin como, ao meu ver, uma espécie de hiato que, ao mesmo tempo, une e separa a semiótica de Saussure da semiótica social de Hodge e Kress (1988) e a semiótica social multimodal de Kress (2010). Além de não deixarem de fora a discussão sobre design, ideia que é tão cara para Kress.

Nesse sentido, destaco ainda a atualização da aplicação dessas ideias para a compreensão de como textos contemporâneos, tais como aqueles produzidos pela big techs, funcionam, também constituindo-se e constituindo (em) ações sociais.

Entre outros aspectos, não sendo menos importante, destaco a inserção de um resumo para não especialistas, por entender que precisamos que as ideias científicas cheguem a um leitor que pode estar fora dos muros acadêmicos.

Em relação aos aspectos não tão fortes, mas que não diminuem o valor do artigo em questão, uma retomada aos exemplos/as ideias acerca dos textos produzidos e reproduzidos pelos sujeitos das big techs poderia enriquecer o tópico que se propõem a apresentar uma síntese do que foi discutido ao longo do texto.

Entretanto, mais importante que isso, registro a ausência, e deixo como sugestão o acréscimo, de uma menção às ideias de Halliday, pois, apesar do autor não ter desenvolvido o interesse imediato por outros sistemas semióticos, é inquestionável o impacto de sua visão de língua na semiótica social de Hodge e Kress (1988), de Kress (2010) e de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), apenas para citar as obras mencionadas no artigo. Em Andersen et al (2015), Kress faz um breve relato de seu próprio percurso rumo à semiótica social e, referindo-se à Halliday, o autor faz a seguinte afirmação: “As a tribute to his influence in our [Hodge e Kress] work, we should call it Social semiotics” (p. 72). Entendendo que tenha sido uma opção dos autores, possivelmente por, assim como as ideias de Charles Pierce e de van Leeuwen (2005), não sejam ideias concebidas como parte da hipótese levantada, mas, ainda pensando em um leitor que busca no presente texto a familiarização com essas ideias, acredito que tal menção a Halliday pode não se constituir em um desvio da hipótes, mas antes um fortalecimento da mesma.

Como dito, longe de representarem aspectos negativos que diminuiriam a qualidade do texto avaliado, essas sugestões objetivam puramente, caso sejam aceitas, a busca por um reconhecimento merecido e, partindo desse, uma melhor familiarização, por parte daquele leitor, com a semiótica que, de Saussure a Kress, passando por todos que precederam esse último, assim como o “sing-making kressiano não se encerra em uma estrutura imutável, nem mesmo simplesmente persiste em diálogo ininterruptamente, ele se transforma a cada novo design”, as ideias aqui apresentadas assim também o são. Outras sugestões encontram-se nos comentários acrescentados ao texto.

AVALIADOR 2

O texto dos pesquisadores Zaira Bonfante dos Santos, Francis Arthuso Paiva e Clarice Gualberto é um exemplar de profundidade teórica sobre um fenômeno caro aos estudos da linguagem, ao longo dos séculos: o signo. Abordando pelo menos cem anos de história, partindo do signo linguístico estudado por Saussure e passando pela perspectiva filosófica do Círculo de Bakhtin, os autores se debruçam sobre como o pensamento de Gunther Kress bebe nessas fontes tão importantes para fundamentar a Semiótica Social, opondo-a a outras semióticas que não consideram o fato social, e redefinir uma visão de signo, até chegar à proposta de design, mais afinada com o mundo do século XXI.

Embora os autores assumam que ousam discutir o conceito de signo de maneira tímida, o que se vê é um ensaio robusto que produz um importante avanço para os estudos não apenas da Semiótica Social, mas dos Estudos da Linguagem de um modo geral, uma vez que mostram as correlações existentes entre importantes teóricos dos signos: Saussure, Bakhtin, Volóchinov e Kress.

A recomendação feita por este parecerista recai numa mudança de redação de um trecho do resumo, que merece deixar mais claro o objetivo do texto e que deve ser espalhado por todo o ensaio, além de pequenas correções formais, já sugeridas também no arquivo anexo, mas que de modo algum tiram a excelência do trabalho. Por conta de todo este arrazoadado, recomendo a publicação integral do texto e parabeno os autores pela maestria com que conduziram a discussão.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Fontes de financiamento

A primeira autora agradece o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo – FAPES por conceder Bolsa de Pesquisador Capixaba (BPC), Processo E-docs 2021-F6V3S, para o desenvolvimento de pesquisas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN a, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003, p. 307-335.

BAKHTIN b, M. O gênero do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1991.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 5ª ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo** – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GRILLO, S., Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 07-88.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. New York: Cornell University Press, 1988.

ILARI, R. O estruturalismo Linguístico: Alguns caminhos. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 53- 92.

KRESS, G. **Multimodality**: A social semiotic approach to contemporary communication. Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London; New York: Routledge, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**: The modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2ª. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000. 260 p.

MARCUSCHI, L. A; SALOMÃO, M. Introdução. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2011, p.8-26.

NAVAS, E. **Remix**: the bond of repetition and representation. 2008. Disponível em:
<https://museudememes.com.br/collection/nazare-confusa>. Acesso em: 20 dez. 2020. s/p.

PAIVA, F.; NETO, V. Análise sociosemiótica multimodal do grid e do layout de memes: transformações e reproduções em disputa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 24, n. 4, 2024. DOI: 10.1590/1984-6398202423387

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27ª ed. São Paulo: Editoria Cultrix, 2006.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2017.